



# Alimentos: cenários para 2008

EVARISTO MARZABAL NEVES

Índices que medem a inflação apontaram a disparada dos preços dos alimentos em 2007 como o vilão inflacionário. O IPC (Índice de Preços ao Consumidor) da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) São Paulo fechou o ano em 4,38%, puxado que foi pela variação de 12,73% nos alimentos, a maior entre os sete grupos pesquisados. Das maiores altas em 2007, as 20 primeiras posições são de itens de alimentação. O feijão foi o que experimentou a maior alta no ano com 149,5%, vindo a seguir o abacate (127,21%), leite em pó (43,77%), limão (41,30%) e batata (40,30%). Dois outros importantes alimentos, carne bovina e leite, também subiram em 2007 com taxas de 18,88% e 16,42%, respectivamente. Já em 2006, os preços dos alimentos “in natura” na cidade de São Paulo registraram deflação de 5,5%.

Na mesma direção, o conhecido IGP-DI (Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna) da FGV (Fundação Getúlio Vargas), composto pelos IPA (Índice de Preços por Atacado, peso seis), IPC (Índice de Preços ao Consumidor, peso três) e IPCC (Índice de Construção Civil, peso um) encerrou 2007 com alta de 7,89%, superior aos índices de 2005 (1,22%) e 2006 (3,79%). Em 2007, os produtos agrícolas representaram 40% da inflação, sendo que dos nove itens que mais influenciaram a alta dos preços no atacado, sete foram produtos alimentícios, entre eles soja, milho, feijão e bovinos. Os preços no atacado subiram 9,44%, influenciados pela alta dos produtos agrícolas (24,82%), enquanto os industriais subiram 4,42%.

Auxiliaram no sentido de contenção de explosão no índice as quedas verificadas com a gasolina (-2,48%) e o álcool (-3,11%) em 2007. Por outro lado, a inflação no varejo (IPC) chegou a 4,6% afetada pela alta de produtos alimentícios como o feijão (128,48%) e a batata inglesa (69,93%).

O Índice de Preços ao Consumidor da 3ª Idade (IPC-3i), medido pela FGV para consumidores com mais de 60 anos de idade, alcançou uma inflação de 5,04% em 2007 (2,26% em 2006), alavancado pelos preços do grupo alimentação, que se elevaram 10,93%, e respondendo por mais de 60% do índice. Os destaques nesta alta foram carnes bovinas, hortaliças e legumes, laticínios, feijão cariquinho e batata inglesa.

A cesta básica do paulistano — medida pelo Procon (Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor-SP — fechou 2007 com um valor médio de R\$ 258,58, alta de 20,11% sobre 2006, que chegou a R\$ 215,29. Por grupo, os produtos alimentícios foram os que mais subiram, apresentando alta de 22,98%.

O total (alimentos + limpeza + higiene) da cesta básica de Piracicaba (variação ponta a ponta), medida pela Esalq Jr. Economia fechou em R\$ 271,37 em 2007, alta de 19,03% em relação ao valor médio em 2006 (R\$ 227,97), sendo que os alimentos cresceram 25%, itens de limpeza 1,05% e de higiene 3,22%. Entre os alimentos os que experimentaram as maiores variações foram: feijão (139,76%); batata (73,16%); leite em pó (56,99%); frango (30,6%); carne de segunda (23,48%); ovos (23,03%); e, carne de primeira (22,40%).

Em 2007, diversos fatores impulsiona-

ram a alta dos preços dos alimentícios, entre eles a concorrência internacional devido à elevação da demanda, elevação do emprego e da renda em diversos países e, no Brasil, a alta nos preços internacionais das commodities agrícolas, a seca em algumas regiões brasileiras, a retração na oferta e nos estoques de passagem mundiais e a corrida na procura por grãos e cereais para fins não alimentícios (energia).

Se em 2006 os alimentos ajudaram a conter o avanço nos preços (evolução quase nula), em 2007 os fatores acima citados elevaram os preços que atuaram sobre uma base praticamente nula (ano 2006) e dispararam. Para 2008, a expectativa é que os alimentos continuem com variação positiva, mas em ritmo mais moderado, havendo algumas desacelerações, movidas por movimento de adequação de oferta em alguns produtos devido à previsão recorde esperada da produção agrícola brasileira (estimada em 135,8 milhões de toneladas) e de determinados produtos da pecuária.

Porém, menores estoques de passagem e produções ainda insuficientes para um equilíbrio de mercado, principalmente para grãos (trigo, soja e milho), com preços atrativos e em elevação no mercado internacional, poderão exercer pressões inflacionárias, mas com intensidade menor do que a assistida em 2007. É esperar para ver.

► EVARISTO MARZABAL NEVES é professor titular da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz)/USP (Universidade de São Paulo)

emneves@esalq.usp.br